

*Alguns fragmentos de
uma realidade fascinante*

Gioconda Mussolini. ENSAIOS DE ANTROPOLOGIA INDIGENA E CAICARA. Editora Paz e Terra. 290 pg. Cr\$ 250.

Reúne este volume ensaios publicados por Gioconda Mussolini, entre 1944 e 1953, recolhidos por Edgard Carone, que se encarregou da organização, revisão gráfica e atualização ortográfica dos textos. Esses estudos só eram acessíveis a especialistas que fossem pesquisá-los em revistas da época. E como a autora, segundo Carone, não se preocupou, em vida, em dar-lhes maior divulgação, sua obra tornou-se praticamente desconhecida das novas gerações de antropólogos e outros cientistas sociais.

Além da nota explicativa de Edgard Carone, situando Gioconda Mussolini como estudante (segunda turma do Curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, em 1937), professora e pesquisadora, o livro se apresenta enriquecido com crelha de Berta G. Ribeiro e prefácio de Antônio Cândido.

No estudo intitulado "Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro", a antropóloga revela a existência de "elementos culturais e sociais comuns a todo ele". E Berta G. Ribeiro dá razão à sua colega, ao afirmar que os modos de vida estudados pela autora deste "Ensaio de antropologia indígena e caicara", em 1953, no litoral paulista, "pouco diferem, em inúmeros aspectos, dos que estudei entre os índios do alto rio Negro, Amazonas, em 1978".

Aqui estão enfeitados os primeiros trabalhos de Gioconda Mussolini, inclusive a sua tese de

mestrado. São fascinantes as suas observações sobre os meios de defesa contra a moléstia e a morte, que estuda em segmentos das tribos bororo e caingangue, com as bem elaboradas análises comparativas, dos pontos de vista cultural, sociológico e psicológico. "Interessante é notar" — salienta a pesquisadora — "por inúmeros testemunhos, que a morte para os caingauges é tomada como uma espécie de deserção. Nos encontros com as almas dos mortos, na longa réplica que geralmente o vivo faz aos seus convites e seduções, aparece sempre uma espécie de ressentimento contra aquele que, passando para o mundo dos mortos, abandonou os seus na terra e fê-los sofrer não só os perigos que sempre acompanham estes períodos, como o desamparo diante da luta pela vida".

Antônio Cândido, em prefácio, caracteriza a alta qualidade intelectual destes trabalhos, que "não são contribuições puramente antropológicas"; mas, para ele, constituem estudos que mostram um esforço de "penetrar com os instrumentos da investigação antropológica nas realidades proscrias do Brasil".

Estudos sérios, minuciosos e, a partir de agora, de conhecimento obrigatório por quantos se interessam pelas pesquisas relacionadas com as populações nacionais mais desassistidas, como estes nossos pobres indígenas do litoral, em luta desigual ante a civilização. Realidade que, conforme acentua o mestre Antônio Cândido, é "a mesma do pobre dos bairros urbanos, a do trabalhador rural e a do negro no Brasil".

EDILBERTO COUTINHO

Eurico Krüautler. SANGUE NAS PEDRAS. Memórias. Edições Paulinas. 227 pg. Cr\$ 105.

Em 1931, um jovem austríaco, formado pelas melhores universidades européias, abandonou as perspectivas de uma carreira promissora para tornar-se um simples missionário da Congregação do Preciosíssimo Sangue. Mas não se contentava com o ser missionário: sonhava com uma tarefa difícil e pioneira. E teve o que desejava. Em 1934, chegava ao Brasil para trabalhar entre índios, seringueiros e caboclos na missão do Xingu, em plena selva amazônica. Trocar o conforto da Europa pelas matas do Xingu não representou uma opção fácil — mas foi uma decisão para toda a vida. Hoje, 36 anos passados e depois de muitos acontecimentos, aventuras, tristezas e alegrias, ele ainda está lá: é dom Eurico Krautler, bispo da Prelazia do Xingu, considerado grande especialista na questão indígena e dono de uma riquíssima experiência pessoal da realidade amazônica.

O seu "Sangue nas pedras" não é rigorosamente um livro de memórias do gênero que já deu grandes memorialistas para a literatura brasileira: mais do que esmerar-se na forma literária, ele se dedica a transmitir a riqueza de uma vivência profundamente sentida. Mas tampouco se inscreve no filão superficial das "memórias" editadas apenas para satisfazer o ego das vaidades aposentadas: ao invés de um desfile de triunfalismos vazios e nem sempre verazes, ele apresenta um relato que apaixona justamente pela autenticidade e singeleza. Trata-se de um homem que não se coloca tanto como protagonista, mas muito mais como observador e participante dessa experiência missionária numa das regiões mais inóspitas do Brasil.

Profundo conhecedor da mata e seus segredos, dos índios e seus costumes, dos seringueiros e seus sacrifícios, dom Eurico do Xingu narra tudo o que viu, viveu e sofreu em seu trabalho missionário.

E o faz num estilo vivo e agradável, numa linguagem ágil e simples: não fantasia, descreve; não justifica, questiona; não desanima, espera. Traz ao leitor ecos de um mundo que muitos gostariam de ver silenciado: os habitantes e as maravilhas da selva, o sofrimento dos seringueiros e castanheiros; a destruição gradual das culturas indígenas, as panacéias escondendo vilezas, uma vida de trabalho, doenças e atraso. E, nesse mundo, dá conta do esforço de promoção e salvação que alimenta a vida, o trabalho e a dedicação de um punhado de missionários que, contra todos os obstáculos, obstinam-se em amar a floresta amazônica, seus índios, seringueiros, castanheiros e colonos, seu trabalho e sua cultura.

Não tendo a pretensão de ser um estudo científico, o livro tem a vantagem de não sofrer com o peso dos números e cifras. O que faz é relatar fatos, acontecimentos e episódios de uma realidade vivida, que não nos chega na forma seca da exposição sistemática, mas numa sucessão de fragmentos que acabam por compor um quadro fascinante. Quadro que vale por um brado de alerta que chega a ser veemente mantendo-se sereno — porque, mais do que nas palavras, a veemência está nos fatos. Em suma, um depoimento rico, simples e humano, cujo autor não vacila nem mesmo em falar humildemente das próprias fraquezas, dúvidas e incertezas, numa atitude que só faz destacar seus sonhos, seu otimismo e sua esperança.

Com excelente apresentação gráfica, Sangue nas Pedras é leitura obrigatória para todos os que estão de alguma forma ligados à vida religiosa, pois transmite a dimensão um tanto esquecida do trabalho missionário. E, num âmbito mais geral, constitui importante leitura para todos aqueles que se interessam pelos problemas da Amazônia, pela questão indígena e pela situação das populações pobres do nosso interior.

ALVARO CUNHA